



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS 2021**

**QUE ORALIDADE É ESSA QUE ESTÁ SENDO TRABALHADA**

**NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?**

**VIVIANE DO NASCIMENTO MARTINS**

**RIO DE JANEIRO**

**MARÇO DE 2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA 2021**

**QUE ORALIDADE É ESSA QUE ESTÁ SENDO TRABALHADA**

**NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?**

**VIVIANE DO NASCIMENTO MARTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciado em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas), realizado sob orientação da Professora Doutora Giselle Maria Sarti Leal.

**RIO DE JANEIRO**

**MARÇO 2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - 2021**

**Que oralidade é essa que está sendo trabalhada**

**Nas aulas de língua portuguesa?**

Por

Viviane do Nascimento Martins

Trabalho de Conclusão de Curso

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Giselle Maria Sarti Leal - Orientadora

---

Professor Marcelo dos Santos

**RIO DE JANEIRO**

**MARÇO DE 2021**

## AGRADECIMENTOS

Não existem palavras para expressar a minha alegria e gratidão a Deus por tudo o que Ele tem feito na minha vida. Concluir esse curso para mim, é resultado da fidelidade de Deus. Quantas vezes pensei em desistir, achei que não ia chegar, mas Deus me conduziu em tudo, me deu sabedoria e graça por isso sou grata. Agradeço a minha mãe, que é uma bênção na minha vida. Mãe, essa vitória não é só minha, é nossa. Diante de situações que pareciam invencíveis, suas palavras, conselhos e orações sempre me deram força. Obrigada por tudo! Pai, como não agradecer a Deus por sua vida? Obrigada pelas vezes que você ficou no ponto me esperando, sem se importar com o horário, com os perigos, não tenho como agradecer. Amo você! Renata, Cristiane, Leandro e Leonardo vocês são os melhores irmãos que alguém poderia ter na vida... Amo muito tudo isso! Sempre na torcida por mim, vocês são mais que irmãos, são os meus melhores amigos! Meus sobrinhos, Daniel e Déborah pelo incentivo! Agradeço também as minhas amigas e as minhas amigas de oração, em especial a Edna. Obrigada por tudo, você é uma bênção, só posso agradecer a Deus por sua vida. Não podia esquecer do William, que me socorreu tantas vezes! Agradeço a cada professor da UNIRIO pela dedicação e comprometimento, espero um dia também me tornar uma boa professora. Marcelo, se existem pessoas que nos inspiram, você com certeza é uma delas, obrigada por tudo. Giselle, obrigada por aceitar caminhar comigo nesse percurso, como minha orientadora. Não foi fácil, por ser a minha primeira experiência como orientanda e sua como orientadora, posso dizer que foi desafiador, mas no final deu tudo certo, obrigada por acreditar no meu projeto. Falar sobre as dificuldades de se “expressar em público” me parece estar falar sobre mim mesma, acho que foi por isso que me encontrei nesse trabalho. Obrigada por aceitar esse desafio.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como finalidade analisar e discutir o ensino da oralidade que vem sendo trabalhado em sala de aula de língua materna. Embora os professores afirmem ensinar a língua oral nas aulas de língua portuguesa, muitos alunos se sentem completamente despreparados diante de situações em que a exposição oral é “obrigatória”. Diante disso, para compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem no Ensino Básico, buscamos investigar o contato do professor com a disciplina Oralidade na formação docente, a concepção que o professor tem do ensino na modalidade oral no ensino básico e como essa concepção reflete em suas práticas didático-pedagógicas.

**Palavras-chave:** língua portuguesa; oralidade e ensino; educação básica; formação docente

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze and to discuss the teaching of orality which has been being practiced in native language classrooms. Although Portuguese teachers assure they teach the oral modality in their classes, many students feel completely unprepared before situations in which the oral exposition is “obligatory”. In this sense, to understand how the teaching-learning process is conducted in Primary School, we aim to investigate the contact of some teachers with the subject Orality in their Graduation as Portuguese teachers, as well as their conception about teaching the oral modality of the language in Primary School and how this conception reflects in their didactic and pedagogical practice.

**Keywords:** Portuguese language; Orality and teaching; Primary School; Teachers' formation

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>ORALIDADE E A ESCRITA</b> .....	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>GÊNEROS ORAIS E ENSINO</b> .....	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>DOCUMENTOS OFICIAIS</b> .....	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE</b> .....	<b>20</b>
<b>6.1</b>	<b>Formação docente e o contato com a disciplina Oralidade na formação superior</b> .....	<b>22</b>
<b>6.2</b>	<b>Concepção de ensino de oralidade às práticas em sala de aula</b> .....	<b>25</b>
<b>6.3</b>	<b>Frequência do trabalho com a modalidade oral nas aula língua portuguesa: e o dizer dos professores respondentes sobre esse ensino</b> .....	<b>27</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>31</b>
	<b>APÊNDICE A – Trabalho de Conclusão de Curso</b> .....	<b>33</b>
	<b>APÊNDICE B – Faculdade que se graduou</b> .....	<b>33</b>
	<b>APÊNDICE C – Disciplina oralidade na formação docente</b> .....	<b>34</b>
	<b>APÊNDICE D – Teorias relacionada à oralidade que o professor teve acesso</b> .....	<b>34</b>
	<b>APÊNDICE E – A frequência que a modalidade oral é trabalhada em sala de aula</b> .....	<b>35</b>
	<b>APÊNDICE F – Atividades trabalhadas em sala de aula</b> .....	<b>36</b>
	<b>APÊNDICE G – O que define o ensino da Oralidade</b> .....	<b>37</b>
	<b>APÊNDICE H – É possível trabalhar a modalidade oral em sala?</b> .....	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A oralidade está presente em diferentes esferas sociais, assumindo um papel importante nos mais diversos contextos da vida cotidiana. Embora o tema pareça recente, Ferdinand de Saussure, pai da linguística moderna, no século XIX já apontava para importância do discurso oral. Antes desse período, a oralidade se fazia presente na Literatura que se textualizou com o passar do tempo. Visto que, todos os povos tiveram ou têm uma tradição oral, essa prática vem sendo utilizada ao longo do tempo com diferentes finalidades. Seja na transmissão de saberes guardados na memória, como era utilizado nas culturas orais; como meio de persuasão utilizado na Antiga Grécia, e, atualmente, como objeto de ensino e de aprendizagem.

Apesar de sua importância no tempo e na história, a oralidade tem estado cada vez mais ausente do contexto escolar. Embora os professores afirmem trabalhar com a modalidade oral, muitos alunos se sentem despreparados em situações em que a exposição oral é “obrigatória”. Para compreender como ocorre esse ensino-aprendizagem na sala de aula, tomamos como referência o contato do professor de língua portuguesa com a disciplina Oralidade, ainda na formação superior. Posto isto, fizemos, primeiramente, um levantamento bibliográfico de vários autores que demonstram interesse no ensino dos gêneros orais em sala de aula, e, em seguida, uma pesquisa virtual, considerando o que dizem os professores de Língua Portuguesa acerca do ensino da Oralidade, como apontamos no capítulo destinado à Metodologia.

Em seguida, foi realizado um questionário virtual no *Google Forms*, com sete perguntas nas quais buscamos investigar questões específicas do ensino da Oralidade apontadas pelos professores. Baseamo-nos teoricamente nos trabalhos de Bakhtin (2011); Marcuschi (2003, 2010); Schneuwly e Dolz (2004); Leal e Gois (2012); Travaglia (2013); Ong (1998); Saldanha (2016). Selecionamos os principais documentos oficiais que regem a educação no Brasil, entre eles a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997); Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 2000); Base Nacional Comum Curricular, (BNCC, 2018). De acordo com a análise, grande parte dos professores de Língua, que afirmam trabalhar com a Oralidade, não têm clareza quanto as noções teóricas sobre esse ensino, principalmente, aquelas ligadas ao contexto mais formais. Posto isto, defendemos aqui que, no trabalho com a oralidade, os professores precisam privilegiar os gêneros orais, como forma de materialização da comunicação humana, tendo em vista preparar o aluno para as mais diversas situações que envolvem ações de linguagem. Como objetivo específico, buscamos observar como a oralidade vem sendo ensinada em sala de aula; para, então, analisar o ensino-aprendizagem no espaço acadêmico. A pergunta que nos orientou foi a seguinte: que oralidade é essa que está sendo ensinada em sala de aula? Visto que muitos alunos se sentem inseguros, em situações de exposição oral, contrastando com a afirmação dos professores de Língua

Portuguesa que dizem trabalhar com a oralidade de forma sistemática. Como objetivo geral, buscamos investigar a respeito da oralidade no Ensino Básico, considerando o contato do professor de língua portuguesa com a disciplina Oralidade durante a formação.

Nessa ótica, a presente pesquisa, “Oralidade e Ensino” está dividida em três capítulos de referenciais teóricos: No primeiro capítulo, abordamos a respeito do ensino da oralidade relacionado à escrita a partir dos gêneros textuais orais, entre outras questões, que têm sido do interesse dos trabalhos de Travaglia (2013); Schneuwly e Dolz (2004); Bakhtin (2011); Marcuschi (2003, 2010), Leal e Gois (2012). No segundo capítulo, tratamos da oralidade e da escrita, na perspectiva de Ong (1998); Saldanha (2016). E, no terceiro capítulo, buscamos uma leitura voltada para os documentos oficiais, em que foram selecionados, então, os seguintes documentos: LDB/96; PCN (1997, 2000); BNCC (2018); ainda nesse capítulo, incluímos os estudos de Soares (1979); Gilvan (2013), entre outros, que, também apresentam interesse no histórico educacional do país.

## **2 ORALIDADE E A ESCRITA**

A Oralidade está presente em diversos contextos, visto que “todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral” (MARCUSCHI, 2010, p. 17). Assim, diferente da língua oral ensinada na escola hoje, a oralidade utilizada durante as culturas orais nas primeiras sociedades, tinham como finalidade a livre expressão, além da transmissão de saberes (SALDANHA, 2016, p. 50). No período das culturas orais não havia gravadores, registro escrito, uma vez que, a única forma de se guardar informações era por meio da memória individual e coletiva. “por muito tempo, foi o único meio pela qual qualquer tipo de conhecimento pode sobreviver” (BYNUM (1974) *apud* LEAL; GOIS, 2012, p. 73).

Não pretendemos abordar aqui a respeito da origem da linguagem humana, e sim investigar como a oralidade vem se relacionando à escrita como prática social ao longo dos anos. Se voltarmos no tempo, iremos perceber que à oralidade vem marcando a história com finalidades distintas. Os traços da oralidade surgem desde a cultura oral, e vem se modificando até ser considerada objeto de ensino e de aprendizagem na sala de aula. Assim, o nosso interesse, nesse capítulo, é investigar como ocorre essa passagem ao longo do tempo para que, então, também possamos compreender as funções da oralidade no contexto escolar.

Embora não seja possível, em nossa pesquisa, analisar como a oralidade aparece ao longo de toda a história, podemos recuperar alguns momentos que consideramos importantes. Em especial, podemos destacar o modo como as pessoas, na cultura oral, aprendiam pela prática; seja ouvindo, repetindo e participando de um tipo de retrospectiva coletiva (ONG, 1998, p. 17). Nesse contexto, a



cultura oral nos remete há um tempo em que a capacidade de preservar as informações e os acontecimentos na memória, vai muito além de uma simples comunicação. Walter Ong (1998, p. 47) traz diferentes construções de linguagens, entre eles, o autor destaca a narrativa do texto bíblico de Gênesis que passa de uma geração à outra; primeiro, por meio da oralidade, e, em seguida, da escrita, como uma cultura oral que se textualizou:

No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz. (Gn. 1.1-3; BÍBLIA, citada por ONG, 1998, 47-48).

Nessa direção, além da citação do autor ao texto bíblico da cultura-judaica, podemos também encontrar esse traços de oralidade entre os sofistas que preparavam os jovens para vida política, utilizando a “Retórica” como instrumento de conquista na Antiga Grécia (LEAL; GOIS, 2012, p. 14). As habilidades dos oradores tinham como finalidade convencer o público por meio de estratégias discursivas. Ainda no Ocidente, entre os antigos gregos, a “arte do discurso” permaneceu durante muito tempo como paradigma de todo o discurso, até mesmo o da escrita (ONG, 1976 *apud* ONG, 1998, p. 18). Nesse contexto, apesar do termo Literatura, segundo Ong (1998, p. 18) significar “escritos”, esse remete uma herança puramente oral, como vemos, por exemplo, nos poemas épicos. Podemos perceber também nas obras de Homero a relação entre a tradição oral e a cultura escrita (ONG, 1998, p. 27), ou seja, que se textualizou a partir do oral.

É possível perceber como a oralidade e a escrita podem ser realizadas de forma complementares nas aulas de língua portuguesa, e, apesar disso está nítido para nós hoje, nem sempre foi assim. Por muito tempo oralidade e escrita foram tidas como duas modalidades opostas e até dicotômicas (MARCUSCHI, 2010, p. 16). Diante disso, diferente do que vemos nos dias atuais, a escrita não era bem aceita nem mesmo na Literatura. Na farmácia de Platão é possível perceber uma superioridade do oral em relação à escrita, sustado pelo argumento que o oral procede do *logos*, enquanto a escrita do *pharmakon*. No texto, o primeiro é tido como original, e o segundo, como artificial. De fato, como vimos acima, a escrita surge após a oralidade, contudo, essas duas práticas sociais, diferente do mito apresentado por Sócrates no referido texto, não podem continuar sendo vistas de modo oposto, uma vez que a linguagem apaga os limites impostos ao longo do tempo entre essas duas modalidades que podem ser vistas como práticas sociais.

No contexto escolar, diferente do período anterior, a oralidade não só teve dificuldade de encontrar o seu espaço como tem recebido, ainda hoje, pouca atenção no que diz respeito ao ensino. A chegada da escrita resultou uma visão equivocada entre essas duas modalidades que passaram a ser concebidas, como opostas. Outro fator que motivou essa visão, foi o fato de as camadas sociais privilegiadas serem as primeiras a terem contato com a escrita, o que lhe conferiu um valor superior,

comparada à oralidade (LEAL; GOIS, 2012, p.38). Nesse contexto, é preciso ressaltar que, embora, a oralidade e a escrita possuam características próprias, ambas são consideradas práticas sociais que podem ser utilizadas de forma complementar para o exercício da cidadania (MARCUSCHI, 2010, p.17).

Posto isto, não faz sentido o não ensino da oralidade hoje em sala de aula. Schneuwly e Dolz (2004, p. 136) afirmam que “se oral encontra dificuldade para tomar seu lugar no ensino, é também porque a distinção entre oral e escrita traz consigo inúmeras confusões”, ou seja, não está clara. Por isso, é preciso que o professor de língua portuguesa compreenda esse lugar da oralidade, não apenas nos manuais, como também em sala de aula. Além disso, uma visão de um oral puro, como aquele utilizado nas culturas orais, não cabe em sala de aula, uma vez que, sempre que a oralidade, como objeto de ensino, vai estar sempre referenciada à escrita (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.135).

Diante disso, percebemos a necessidade de conhecer a oralidade em seus diferentes aspectos, tanto formais, quanto informais, tendo em vista a aplicação do ensino dos gêneros orais, que podem ser utilizados em sala de aula, considerando os fenômenos históricos relacionados à nossa cultura, associando às novas necessidades comunicativas. Além disso, o ensino do gêneros pode contribuir para que o aluno conheça, se aproprie e desenvolva habilidades discursivas diferentes das que são, comumente, utilizadas no seu cotidiano, sobretudo, os gêneros orais formais, que, “quando entram na escola, produz-se um desdobramento, passando a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem (SCHNEUWLY; DOLZ, 1997, *apud* SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 150).

### **3 GÊNEROS ORAIS E ENSINO**

Ao longo da história educacional, o ensino da língua recebeu pouca atenção em sua modalidade oral, resultando num espaço limitado da oralidade na sala de aula. Essa desatenção não ocorre por acaso, visto que a supervalorização da escrita se dá, em parte, ao fato de terem tido acesso ao aprendizado da escrita as camadas economicamente privilegiadas, o que resultou numa visão equivocada no que diz respeito ao ensino da oralidade. Além disso, professores de língua portuguesa, por muito tempo, acreditavam que o aluno que “se expressa bem” estava pronto para executar qualquer tarefa que envolvesse a modalidade oral. Nesse contexto, ensinar oralidade em sala de aula parecia não fazer sentido.

Não pretendemos dar maior ênfase ao ensino da oralidade em detrimento da escrita, visto que ambas as modalidades são importantes e complementares. Contudo, a pesquisa busca, sobretudo, encontrar um equilíbrio entre as ações de ensino, considerando os aspectos reflexivos dos gêneros orais, considerando o contato que o professor de língua portuguesa teve com a disciplina de oralidade

durante o percurso acadêmico. Essa ideia será vista em três etapas: em primeiro lugar, a oralidade e seu funcionamento no espaço escolar; em seguida, como os gêneros orais podem ser concebidos como objeto de ensino; e por fim, a importância da disciplina oralidade na formação docentes no ensino superior.

Existe uma dificuldade de a oralidade encontrar o seu lugar na sala de aula, porém, antes de iniciarmos a abordagem, é importante esclarecer que esse ensino que estamos tratando não tem a ver com as etapas de aquisição da linguagem, assim, como também não tem a ver com ensinar o aluno a falar, visto que a criança ao entrar na escola, já possui um vasto repertório advindo de seu cotidiano. Como visto acima, os professores de língua portuguesa, não ensinavam a modalidade oral em sala de aula, partindo do pressuposto de que os alunos sabiam falar, e, assim, estavam prontos para se comunicar em qualquer situação pública, o que não acontecia.

Assim, não eram considerados aspectos importantes como desenvolver a competência comunicativa linguística do indivíduo como, por exemplo, possibilitar ao aluno não apenas conhecer, mas dominar a língua considerada padrão como forma de inclusão social. Com efeito, a criança ao chegar na escola domina a norma coloquial do seu meio, por isso, cabe ao professor de língua portuguesa criar mediações socioculturais para o desenvolvimento de competência linguística em sala de aula. Existem aspectos relevantes no ensino da língua, entre eles, a variação linguística, que consideram noções sociais e culturais, incluindo a forma padrão, visando à inclusão social do aluno, dentro e fora da sala de aula, a fim de prepará-lo para a vida em sociedade, em seus diversos contextos (TRAVAGLIA, 2006, p. 21).

Se considerarmos as crescentes transformações no mundo contemporâneo, vamos perceber que o ensino dos gêneros orais nunca foi tão necessário para o desenvolvimento do exercício cidadão dos alunos dentro e fora do contexto escolar. Diante disso, a escola, sobretudo, o professor de língua portuguesa pode contribuir, criando possibilidades que permitam ao aprendiz conhecer e se apropriar de diferentes gêneros dos informais aos mais formais, se apropriando de falas mais padronizadas. É importante esclarecer que fala padronizada não tem a ver com “falar corretamente”, e sim permitir que o aluno, como usuário da língua, seja capaz de utilizá-la em vários contextos.

Antes de abordarmos a questão dos gêneros, vamos fazer uma breve definição do que seria o oral. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p.127) oral, vem do Latim, “*Os, Oris*, e está relacionado a tudo aquilo que se transmite pela boca”, cuja voz humana aparece como suporte principal, envolvendo ações de linguagem em contextos interacionais tanto públicos quanto privados. Posto isto, é importante esclarecer que a oralidade de que estamos tratando não está diretamente relacionada à oralidade utilizada em contextos informais. E, sim aquela mais ritualizada, realizada de modo formal, a partir dos gêneros públicos.

Nessa direção, Schneuwly e Dolz (2004 p.131) afirmam que “existem uma infinidade de orais, podendo ser mais ou menos espontâneos, mais ou menos improvisados, mais ou menos preparados, com um grau de intervenção mais ou menos forte da escrita”. Com base nessa afirmação, podemos distinguir os dois tipos de oral apresentados pelos autores, ambos, embora tenham a voz humana como suporte, apresentam características bem diferentes. Assim como, temos, de um lado, o oral “espontâneo”, que pode ser concebido, como fala improvisada, cujo foco da conversa centra mais nos participantes do que no assunto; e, do outro lado, temos as produções orais, restringidas pela escrita (SCHNEUWLY; DOLZ, p.132). Diante disso, podemos perceber a existência de graus diferentes de oralidade, como também afirma Travaglia e o Grupo de Pesquisa de Estudo Sobre texto e Discurso PETEDI (2013, p.5), concluindo que a leitura de uma conferência ou comunicação científica em Congresso, ou a realização de uma exposição oral qualquer, com base em um roteiro preparado, em o que se vai dizer pode ou não ser dito palavras por palavras, serão considerados um gênero oral. Podemos colocar como exemplo, tanto a aula que segue um roteiro, mas é realizada de forma mais espontânea, assim como a própria conferência, como foi citada, que segue fielmente um roteiro, sem qualquer espontaneidade. Posto isto, Travaglia (2013, p.4) argumenta que, embora os gêneros orais tenham como suporte a voz humana, referenciados na escrita, existem aqueles que foram produzidos para serem realizados oralmente, outros não. Isso quer dizer que uma leitura de uma bula de remédio, ou a leitura de um artigo, não faz desses gêneros orais. Ainda de acordo com Travaglia (2013, p. 4), existem gêneros que, como a conferência científica podem ter uma versão escrita, mas foram produzidos essencialmente para serem realizados oralmente. Assim, um artigo científico pode ser realizado sobre o mesmo tópico da conferência, mas não foi produzido para ser realizado de forma oral. Nesse sentido, é importante compreender que ainda que se leia em voz alta, esse texto não será um gênero oral. “Ou seja, uma simples oralização de um texto escrito não o torna um gênero oral” (Cf. Marcuschi e Dionísio, 2005, citado por Travaglia, 2013, p. 4). Diante disso, é importante consideramos o gênero oral como aquele que foi produzido para essa finalidade, tendo em vista desenvolver as competências discursivas do aluno, que ainda se sente despreparado para enfrentar situações escolares e extraescolares que envolvam os gêneros formais.

Nesta última parte, iremos abordar os gêneros orais em seus diferentes aspectos, no contexto escolar, como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, a partir das atividades comunicativas (MARCUSCHI, 2003, p. 16), podendo ser concebidos como objeto de estudo. Mikhail Bakhtin, precursor da teoria dos gêneros do discurso, analisa a linguagem tanto na dimensão da atividade humana, quanto do uso da língua, que se efetuam em formas de enunciados, que vão se formando padrões típicos da comunicação nas esferas de comunicação. Sobre esses enunciados, de acordo com Bakhtin (2011, p. 262), cada campo ou esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis, os quais ele denomina gênero do discurso. O autor divide,

então, os gêneros do discurso em dois tipos: primário e secundário. Assim como vimos acima, o gênero primário se assemelha à oralidade informal, aquela utilizada no nosso cotidiano, de forma mais simples, mais espontânea e próxima da realidade dos alunos; já os gêneros secundários são considerados complexos, devido a sua elaboração (BAKHTIN, 2011, p. 263). Visto que os gêneros orais não nascem com os alunos de forma natural, eles precisam ser ensinados. Koch e Elias (2009, p. 55) afirmam que “Longe de serem naturais ou resultado da ação de um indivíduo, essas práticas comunicativas são modeladas/remodeladas em processos interacionais dos quais participam os sujeitos de uma determinada cultura”. Segundo Marcuschi (2003, p. 16), os gêneros são “fruto do trabalho coletivo”, ligados às necessidades sociodiscursivas do dia a dia. Além disso, os gêneros são infindáveis, diferentes dos tipos textuais que, apesar de terem uma estrutura própria, são bem mais limitados, abrangendo apenas as seguintes categorias: argumentação, descrição, exposição, injunção, narração (MARCUSHI, 2003, p. 23). Podemos dizer que os gêneros textuais se apropriam de cada um desses tipos, formando um grupo ainda maior. As “séries”, por exemplo, podem se utilizar de uma tipologia textual narrativa, assim, como o “retrato falado” se apropria do tipo textual descritivo, uma vez que “somos capazes de reconhecer se, em um texto, predominam sequências de um caráter narrativo, descritivo” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 55).

É importante ressaltar que os gêneros orais, assim como a oralidade, têm a voz como principal suporte, o que leva o aluno a desenvolver capacidades individuais correspondentes aos gêneros (TRAVAGLIA, 2013, p.4). No caso dos gêneros, como vimos acima, existem aqueles que foram produzidos para serem realizados oralmente, e outros para serem escritos e lidos, não sendo esses considerados propriamente orais. É importante compreender que os gêneros orais são, de fato, referenciados na escrita, contudo, existem aqueles que são produzidos para serem realizados de forma oral. Considerando os graus de intervenção da espontaneidade e autonomia na realização dos gêneros orais públicos, como citado há pouco, seja de exposição de uma aula, seja de um debate regrado, ou de uma entrevista, os gêneros orais públicos constituem referência, que pode ser utilizada como objeto de ensino. Nesse contexto, Schneuwly e Dolz (1997) afirmam que “quando um gênero textual entra para a escola, produz-se um desdobramento: ele passa a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 150).

Visto que o trabalho com a oralidade com os gêneros orais público é de grande importância para vida escolar do aluno, é possível perceber a urgente necessidade do contato do professor de língua portuguesa com os mais diferentes gêneros, ainda na formação acadêmica, e isso afeta o modo como o professor de língua portuguesa concebe a linguagem (ANTUNES, 2014, p. 15), uma vez que uma teoria da linguagem e da atividade da linguagem é necessária. Com efeito, para esboçar e planejar uma intervenção sobre um comportamento, é indispensável conhecer seu funcionamento. E não pode

haver compreensão de um objeto sem um quadro de referências que oriente nosso olhar e dê sentido às observações (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p. 115).

Nesse contexto, é preciso avaliar quais textos estão sendo utilizados como objeto de ensino na educação básica. Não basta apontar a ausência do ensino da oralidade em sala de aula, uma vez que a disciplina está ausente, não apenas no ensino básico, como também no ensino superior. Cabe lembrar que são poucas as universidades que ofertam a disciplina no curso de Letras, recebendo esse tema pouquíssima atenção na Academia, resultando no fazer docente com lacunas nesse tema. Diante disso, é necessário investir no ensino superior, incluindo a disciplina oralidade na grade curricular dos cursos de Letras, tendo em vista uma formação docente completa, que atenda às demandas da Educação Básica nos mais diversos espaços. Apesar de os professores afirmarem trabalhar com a modalidade oral, como veremos no capítulo destinado à análise, a leitura de textos em voz alta não basta para preparar o aluno para enfrentar os desafios da vida fora de sala de aula, como, por exemplo, entrevista de emprego, apresentação de seminários, entre outras situações que envolvam exposição oral pública. Não estamos propondo cursos de aperfeiçoamento, nem mesmo uma formação continuada, visto que esta formaria círculo vicioso, no que diz respeito ao preparo docente, e não resolveria de fato o problema.

#### **4 DOCUMENTOS OFICIAIS**

Nesse capítulo, vamos refletir a respeito do ensino da oralidade nos documentos oficiais, na última etapa da Educação Básica<sup>1</sup>, o Ensino Médio, por ser a fase que prepara o aluno para o exercício pleno de sua cidadania. Se considerarmos o histórico do país, vamos perceber uma certa desigualdade entre os grupos sociais, o que reflete também no sistema de ensino e provoca um grande hiato no que diz respeito ao principal direito do cidadão brasileiro: a instrução.

Magda Soares (1979, p. 211) afirma que, por muito tempo, o ensino contemplava apenas a alguns da elite, quadro que mudou só após os anos 50, a partir da crescente reivindicação da classe trabalhadora à escolarização. Diante dessas condições, o ensino escolar passou a ser aberto também às outras camadas sociais, contudo os resultados não foram satisfatórios. Houve um alto índice de reprovação e evasão escolar nos anos seguintes (GILVAN. 2013, p. 200). De fato, havia escolas, mas acompanhadas de sérias desigualdades no que diz respeito ao ensino. Elias (2018, p. 41) afirma que em uma sociedade que reivindica para si a qualificação de democracia, o exercício orientado de

---

<sup>1</sup> Optamos por fazer uma revisão dos documentos oficiais relacionados ao ensino médio, para ter uma visão mais geral, por questão de espaço, visto que a análise ficaria muito longa, caso fizéssemos do ensino fundamental também.

determinadas práticas orais na sala de aula, precisa estar partindo pelos princípios de igualdade de todos perante a Lei, tanto na escola quanto fora dela.

Diante dessa realidade, diversas medidas passaram a ser tomadas tendo em vista universalizar o ensino, como um direito de todo cidadão, previsto na Constituição de 1988. Nisso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) veio reafirmar a necessidade de se investir no ensino. Estabelecendo o Ensino Médio como etapa final da Educação Básica, assim, como também estabeleceu uma Base Comum para todas as regiões do país, visando, portanto, o ensino ainda mais inclusivo e igualitário. Diante dessa necessidade, o ensino passa a ser relacionado tanto à profissionalização, quanto ao ingresso ao ensino superior (GILVAN, 2013, p. 186).

No ano de 1997, em consonância com a LDB, houve a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tendo como principal objetivo sistematizar referências nacionais para o ensino, nas diferentes áreas, respeitando as especificidades de cada região do país, servindo, ao mesmo tempo, como diretrizes para educação (LEAL; GOIS, 2012, p. 41), contribuindo também para universalização do ensino. Diante das crescentes mudanças que envolvem o mundo contemporâneo, com a chegada de novas tecnologias, em especial as que estão ligadas à área da comunicação, passou-se a exigir um maior preparo do aluno no mundo globalizado. Sendo assim, não dá para conceber um ensino descontextualizado, baseado apenas no acúmulo de informações. Nesse processo, “a sociedade demanda uma educação de qualidade, que garanta aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade na sociedade em que vivem, e na qual esperam ver atendidas suas necessidades individuais, sociais, políticas e econômicas” (BRASIL, 1997, p. 21). Daí cabe à escola, em especial, ao professor de língua portuguesa, a responsabilidade de contribuir para que o educando desenvolva as competências linguístico-interacionais que estão ligadas às práticas sociais no âmbito da oralidade (LEAL; GOIS, 2012, p. 37).

Além dos PCN de (1997), foram elaboradas também outras edições do documento. Entre elas, uma edição voltada para o Ensino Médio (PCNEM 2000), compreendendo a importância da modalidade oral de uso da língua como objeto de ensino-aprendizagem em sala de aula. Essa mesma preocupação se estende à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2018, tendo as diretrizes já previstas tanto na Constituição de 1988, quanto na Lei 9.394/96, de um ensino comum a todo o Estado brasileiro, visando a possibilidade de uma mesma Base em diferentes regiões. Nessa direção, a BNCC define um conjunto de aprendizagens essenciais para que o aluno possa desenvolver, ao longo da Educação Básica, a “mobilização de conhecimentos, atitudes e valores” para resolver demandas da vida cotidiana (BRASIL, 2018, p. 9).

Como vimos, um dos temas presente em todos os documentos é uma “educação comum a todos”, tendo a educação como um direito, isto é, como princípio fundamental. No entanto, ainda

estamos distantes de alcançar esse objetivo, pois, embora tenha sido realizada uma série de iniciativas, por parte do Estado, ainda há muito o que fazer no que diz respeito ao ensino. Além disso, o ensino da língua portuguesa, regulamentado nos documentos oficiais, compreende o trabalho em sala de aula, tanto com a modalidade oral quanto com a escrita. Entretanto, apesar dessa definição, o ensino da oralidade não faz parte do programa de ensino de língua da maioria das escolas desse país. Dessa forma, muitos professores ignoram a necessidade de implementar estratégias didático-metodológicas para o desenvolvimento das competências de oralidade de seus alunos, em especial, daquelas mais ligadas ao contexto formal (LEAL; GOIS, 2012, p. 38).

A oralidade, como objeto de ensino, compreende tanto o uso da língua oral, quanto da escrita, ligado aos gêneros textuais, partindo do pressuposto de que “não é possível se comunicar verbalmente a não ser por meio de um texto” (MARCUSCHI, 2003, p. 22), podendo os gêneros textuais ser mais formais ou informais. É importante esclarecer que o trabalho, aqui tratado, com os gêneros orais não tem por finalidade a aprovação ou reprovação do aluno. O que está em pauta é o ensino e a aprendizagem das mais diferentes práticas sociais, tendo em vista preparar o aluno para as mais diversas situações de exposição oral, pública e privada, dentro e fora do contexto escolar. Sabemos que essa proposta seria mais realista, e possível de ser realizada, se, de fato, os professores de língua portuguesa tivessem acesso à disciplina Oralidade durante a graduação.

Nas últimas décadas, a teoria dos gêneros do discurso vem sendo desenvolvidas, em especial, a partir da perspectiva bakhtiniana, na qual a linguagem é analisada no aspecto sociointeracionista, servindo de alicerce também aos PCN. No entanto, levando em consideração que a incorporação de teoria aos currículos do curso de Letras seja bastante recente, milhares de professores que atuam em nossas escolas não tiveram contato com ela em sua formação superior (LEAL; GOIS, 2012, p. 44). Ainda nesse texto, destacamos o seguinte:

Muitos (professores de língua portuguesa) não têm se quer conhecimento de tal perspectiva. Como consequência, a compreensão dos PCN fica naturalmente prejudicada e, muitas vezes, impossibilitada, justamente, por que pressupõe que os professores tenham conhecimento de mundo teórico suficiente para atribuir sentido ao texto do citado documento (LEAL; GOIS, 2012, p. 45).

O modo como o professor de língua portuguesa concebe a linguagem é fundamental para nortear suas práticas escolares, pedagógica e metodológicas. Nessa direção, Schneuwly e Dolz (2004, p. 115), afirmam:

que uma teoria da linguagem e da atividade de linguagem é necessária. Com efeito, para esboçar e planejar uma intervenção sobre um comportamento é indispensável conhecer o seu funcionamento. E não pode haver compreensão de um objeto sem um quadro de referências que oriente o nosso olhar e dê sentido às observações.



Considerando isso, percebemos a importância e a necessidade do contato do professor de língua portuguesa com a disciplina Oralidade, pois, como vimos acima, uma vez que a não compreensão dos pressupostos teóricos resulta num ensino baseado em “achismos”. Contudo, apesar de grande parte dos professores de língua portuguesa não terem tido contato com a referida disciplina, reconhecem a necessidade de se trabalhar com a modalidade oral.

Outros professores dizem sentir dificuldade de se realizar atividades orais em sala de aula, por não ser uma “prática muito aceita por outros docentes, pois, acreditam gerar bagunças” (LEAL; GOIS, 2012, p. 48). Isso demonstra a falta de clareza quanto ao método de realizar a atividade, uma vez que no ensino dos gêneros orais não deveria haver sobreposição de vozes, nem gritaria. Nisso está o equívoco, pois o trabalho com a oralidade é organizado, principalmente, quando se trabalha com os gêneros orais públicos, como acontece nas atividades como, por exemplo, seminário, entrevista, debate regrado. Ou seja, a sobreposição de vozes não faz sentido, porque enquanto um fala o outro escuta (LEAL; GOIS, 2012, p. 49). Nesse sentido, a falta de clareza, quanto aos gêneros faz com que a atividade não se volte para a reflexão discursiva. Posto que o trabalho com a oralidade não tem como finalidade distrair os alunos, e sim fazer com que ampliem o seu domínio linguístico-discursivo, a fim de que sejam capazes de participar ativamente da sociedade na qual estão inseridos.

Posto isto, abordamos em um primeiro momento a necessidade de uma educação inclusiva, de modo geral, e, em seguida, sobre a importância do desenvolvimento comunicacional no mundo contemporâneo, visando a preparar os alunos do ensino médio para o exercício da cidadania, como proposto nos documentos oficiais. Cabe lembrar de que, embora os documentos oficiais falem de uma qualidade de ensino para o aluno, estes são direcionados aos docentes. Contudo, para que haja um ensino de forma inclusiva, igualitária, os professores de língua portuguesa precisam ter contato com a disciplina Oralidade, durante a graduação. Além disso, é importante ressaltar que, para um país que se mostra interessado nas políticas públicas, a favor da educação e da universalização do ensino, é preciso pensar não apenas nos resultados, como também dar ao professor de língua portuguesa condições necessárias para realização do fazer docente.

## **5 METODOLOGIA**

A ideia de falar sobre “oralidade e ensino” surgiu durante o Projeto de TCC. Embora, nesse momento, os caminhos para realizar a pesquisa sobre ensino-aprendizagem da oralidade não fossem tão nítidos, decidi investir na pesquisa, pensando, inicialmente, na minha trajetória escolar e acadêmica. Por muito tempo, o lugar da fala me pareceu bastante assustador. Porém, ao realizar a pesquisa, percebi que o “não falar bem em público” e o “não saber se expressar em público” não está,

necessariamente, relacionado à timidez, uma vez que a prática da oralidade, e o mau desempenho no contexto escolar, não deixam de estar relacionados aos grupos étnicos segregados e marginalizados.

Posto isto, a escola, sem dúvida, é um espaço apropriado para se trabalhar não apenas as habilidades, como as competências dos alunos nas mais diversas situações em que a oralidade tem primazia. Nessa perspectiva, buscamos compreender a relação existente entre o ensino e a aprendizagem na modalidade oral, em diversos materiais que nos fizessem compreender o que é oralidade, o que são gêneros orais, e, sobretudo, como estes poderiam contribuir para o ensino-aprendizagem escolar. Nessa direção, o professor de língua portuguesa foi o centro da nossa investigação. Buscamos, portanto, entender como a oralidade vem sendo ensinada em sala de aula, a partir de um planejamento teórico e metodológico, como se dá a transposição de saberes nas aulas de língua. Visto que a grande maioria das universidades públicas não oferecem a referida disciplina no curso de Letras, a proposta era saber como acontece o ensino-aprendizagem da modalidade oral no contexto escolar. Além dos materiais bibliográficos, foi realizada uma pesquisa, por meio de questionário virtual realizado no Google, tendo como objetivo específico, observar como a modalidade oral vem sendo ensinada na sala de aula, para, então, analisar a oralidade no contexto acadêmico, visando, sobretudo, ao contato desse professor de língua portuguesa com a disciplina durante sua formação. Nessa direção, o nosso objetivo geral foi investigar como a oralidade está sendo ensinada nas aulas de língua portuguesa, e o posicionamento adotado pelo professor, visando a relacionar esse ensino ao preparo docente.

Na pesquisa, tomamos como base teórica os trabalhos de Dolz e Schneuwly, Marcuschi, Bakhtin, Travaglia, Leal e Gois, entre outros autores que trazem à tona preocupações com o tema sobre a oralidade e o ensino. Em seguida, buscamos interpretar por meio de questionário, como já mencionado acima, o que dizem os professores de língua portuguesa a respeito do ensino-aprendizagem da oralidade em sala de aula. Antes de realizarmos a pesquisa, tínhamos planos de fazer entrevista aos docentes de língua portuguesa nas escolas de rede Estadual. Contudo, esse projeto inicial precisou ser adaptado devido à pandemia do coronavírus.

Ainda nos pressupostos teóricos, buscamos investigar, o que é oralidade. É importante ressaltar, que existem formas diferentes de conceber a oralidade-ensino, o que exigiu de nós um posicionamento teórico. Nesse sentido, seguimos na direção de trabalhar com a oralidade, não apenas como uma fala espontânea, como a partir dos gêneros orais. A partir desse posicionamento, buscamos compreender se o processo de ensino-aprendizagem realizados em sala de aula é compatível ou não com o que vem sendo apontado por alguns autores pesquisadores, e direcionado pelos documentos oficiais. Nessa linha, ouvir os professores foi fundamental para nossa pesquisa. Dessa forma, buscamos interpretar algumas questões por meio de oito perguntas feitas no *Google Forms*, (Veja Apêndice). O formulário foi disponibilizado no facebook, do dia 08 ao dia 20 de dezembro de 2020,

cujos objetivos do questionário era coletar informações sobre a formação dos professores de Língua Portuguesa sobre suas práticas em sala de aula. No questionário, setenta e três professores de língua portuguesa, sem identificação, responderam às questões que estão listadas a seguir:

1. *Em que Faculdade/Universidade você se graduou?*

2. *Durante a sua formação no curso de Licenciatura, você teve acesso a disciplina(s) sobre Oralidade/Ensino da Oralidade?*

*Opção de resposta: Sim; não; Não tive disciplina específica e obrigatória; Tive como disciplina optativa; Fiz um curso por conta própria.*

3. *A que teorias relacionadas à Oralidade você teve acesso (leitura, debates, palestras, aulas)?*

*Opção de resposta: Análise da conversação; Relação entre fala e escrita;. Oralidade e letramento; Fala e competência comunicativa; gêneros do discurso orais; Interação verbal; Oralidade e ensino de Língua Materna.*

4. *Você trabalha a modalidade oral com seus alunos?*

*Opção de resposta: Sempre; Frequentemente; Raramente. Nunca.*

5. *Quais das atividades abaixo você trabalha em suas aulas, fazendo parte de seu planejamento semanal?*

*Opção de resposta: Leitura em voz alta; Declamação de poemas; Dramatização; Roda de conversa; Debate regrado; Perguntas e respostas; Discussão sobre textos; Trabalho com música; Análise de textos audiovisuais; Apresentação de Seminários; Análise de gêneros textuais orais; Produção de gêneros textuais orais; Outros.*

6. *Qual das alternativas abaixo melhor define o Ensino da Oralidade, em sua concepção?*

*Opção de resposta: Ensinar Oralidade é desenvolver as habilidades comunicacionais por meio da fala, em diferentes contextos; Ensinar Oralidade é analisar produções orais de referência, que sirvam de modelo para os alunos; Ensinar Oralidade é trabalhar com gêneros de discurso orais, para que os alunos adequem suas habilidades comunicativas orais às diferentes situações; Ensinar Oralidade é analisar textos escritos de referência, que sirvam de modelo para uma fala mais correta;*

*Ensinar Oralidade é dar liberdade para os alunos se expressarem oralmente em sala de aula e trabalhar com repertório que eles trazem de casa; Outros.*

7. *Na sua opção, é possível trabalhar a modalidade oral da língua em sua de aula, bem como as suas variedades? Comente um pouco sobre isso.*

Na pesquisa, é importante ressaltar, que embora os professores de língua portuguesa compreendam a importância de se trabalhar com a modalidade oral em sala de aula, grande parte, ou a maioria, não teve acesso à disciplina durante o percurso acadêmico, e, outros não tiveram contato com a disciplina em momento algum. Todos os professores foram unânimes no que diz respeito a trabalhar com a modalidade oral em sala, porém, as atividades aplicadas por eles em sala estão reduzidas à leitura em voz alta ou discussão sobre textos. No questionário, apenas alguns professores, em quantidade bem pequena, dizem trabalhar com os gêneros orais. Isso nos faz questionar que oralidade é essa que está sendo ensinada em sala de aula?

## **6 ANÁLISE**

Embora os professores afirmem trabalhar com a oralidade em sala de aula, muitos alunos se sentem despreparados diante de situações que envolvem a exposição oral nos mais diversos espaços. Para entender como acontecia o ensino da Oralidade nas aulas de língua portuguesa, como apontamos no capítulo destinado à Metodologia, buscamos investigar a respeito do ensino no contexto escolar, a partir da formação docente. Assim, foi realizado um levantamento bibliográfico, e, em seguida, um questionário virtual, considerando o que dizem os professores de língua portuguesa, acerca desse ensino, identificando as concepções de oralidade apontadas por eles.

Para coletar os dados, foi realizado um questionário, no aplicativo gerenciador de pesquisa virtual *Google Forms*, contendo oito perguntas nas quais buscamos investigar questões específicas do ensino da Oralidade apontadas pelos professores de língua portuguesa, considerando a formação docente e suas atividades em sala de aula. Baseamo-nos teoricamente, entre outros, nos trabalhos de Bakhtin (2011); Marcuschi (2003, 2010); Schneuwly e Dolz (2004); Leal e Gois (2012); Travaglia (2013); Ong (1998); Saldanha (2016). Selecionamos os principais documentos oficiais que regem a educação no Brasil, entre eles à Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96); Parâmetros Curriculares (PCN, 1997); Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 2000); Base Nacional Comum Curricular, (BNCC, 2018). A análise dos dados nos mostram que grande parte dos professores de língua portuguesa, que afirmam trabalhar com a Oralidade, não têm clareza das noções teóricas sobre a oralidade que possibilitem implementar estratégias didático-metodológica para o

desenvolvimento das competências de oralidade com seus alunos, principalmente aquelas ligadas a contextos mais formais. Defendemos aqui que, no trabalho com a oralidade, os professores precisam privilegiar os gêneros orais, como forma de materialização da comunicação humana, tendo em vista preparar o aluno para as mais diversas situações, que envolvem ações de linguagem.

Tendo essa temática como ponto de partida, procuramos, como objetivo específico, observar como a oralidade vem sendo ensinada em sala de aula; para, então, analisar o ensino-aprendizagem no espaço acadêmico. Posto isto, a pergunta que nos orientou foi a seguinte: que oralidade é essa que está sendo ensinada em sala de aula? Visto que muitos alunos se sentem inseguros em situações nas quais a exposição oral ocupa um lugar importante, contrastando com a afirmação dos professores de língua portuguesa que dizem trabalhar com a oralidade de forma sistemática. Nessa ótica, como objetivo geral, buscamos investigar a respeito do ensino da oralidade no Ensino Básico, considerando, assim, o contato do professor de língua portuguesa com a disciplina Oralidade durante a formação.

Nessa direção, a presente pesquisa, “Oralidade e Ensino” é dividida em três capítulos de referenciais teóricos: No primeiro capítulo, abordamos a respeito do ensino da oralidade relacionado à escrita a partir dos gêneros textuais orais, entre outras questões, que têm sido do interesse dos trabalhos de Travaglia (2013); Schneuwly e Dolz (2004); Bakhtin (2011); Marcuschi (2003, 2010), Leal e Gois (2012). No segundo capítulo, tratamos da oralidade e da escrita, na perspectiva de Ong (1998); Saldanha (2016). E, no terceiro capítulo, buscamos uma leitura voltada para os documentos oficiais, foram selecionados, então, os seguintes documentos: LDB/96; PCN (1997, 2000); BNCC (2018); ainda nesse capítulo, incluímos os estudos de Soares (1979); Gilvan (2013), entre outros, que, também apresentam interesse no histórico educacional do país.

Como apresentamos no capítulo destinado à Metodologia, o questionário virtual, realizado aplicativo *Google Forms*, disponibilizado no facebook, contou com a participação de 73 professores de língua portuguesa representando 60 instituições do país, como veremos na *Tabela 1*:

**Tabela 1-** Universidades cursadas pelos professores respondentes

UFRJ	UNESPAR	UPE	UNICEUB	UNIJORGE	PUC SP
UNIRIO	UNICENTRO	UNIRIOS	UFFS	IFAL	UFPA
UERJ	UNOCHAPECO	UFPEL	UNIOESTE	ESTÁCIO	UNESP
UFRRJ	UNIVESP	UNICID	UFG	GAMA FILHO	FESB
UFF	UFU	UVA	UFMT	FUNESO	UEMS
UFRGS	UFAL	ANHANGUERA	F. SANTO ANDRÉ	F. M. SANTA MARIA - RS	PUC CAMPINAS

UEPB	UFPI	UFMG	UNOPAR	FACHO	UNIVAP
UEMA	UFSCAR	UNIP/LESA	UNC	UENP- PR	CESMAC
UESB	UNIGRANRIO	UNIABC	FAEL	PUC SC	FAFIPAR
UECE	UNIASSELVI	UFMS	ULBRA	FAAC	UNB

Nota: Das 60 Universidades, apenas 16 ofertam a disciplina Oralidade na formação superior.

Certamente não caberiam aqui todos os professores de língua portuguesa, contudo, buscamos compreender o ensino da modalidade oral no dizer desses 73 professores, que, embora, sejam apenas uma pequena parcela, podemos considerar um recorte que se aproxima do retrato do ensino da oralidade no país, considerando que esses respondentes vieram dos mais variados Estados.

Assim sendo, a análise da presente pesquisa tem como foco o ensino da Oralidade, será apresentada em três etapas: na primeira etapa, iremos descrever como o ensino da modalidade oral vem sendo <sup>2</sup>realizado no Ensino Médio, a partir da formação docente, considerando o contato desse professor com a disciplina Oralidade no curso de Letras; em seguida, apresentar a partir dos dados coletados, qual a importância que o professor de língua portuguesa dá ao ensino da Oralidade, e quais são as suas concepções; e, na terceira e última etapa, analisar como o ensino da oralidade acontece nas aulas de língua portuguesa, além das atividades que envolvem os gêneros orais são utilizadas em sala de aula.

### **6.1 Formação docente e o contato com a disciplina Oralidade na formação superior**

Essa primeira etapa, revela que grande parte dos professores de língua portuguesa não tiveram a disciplina Oralidade na formação superior. Embora o quadro acima, apresente 60 universidades, de acordo com os dados da pesquisa, apenas 16 dessas instituições, ofertam a disciplina Oralidade. O que significa dizer que 31,5% não tiveram contato com a disciplina, e 21,9 tiveram contato, mas de forma um tanto superficial. De acordo com o gráfico abaixo, podemos perceber que apenas 21,9% tiveram contato com a disciplina Oralidade de forma específica na formação acadêmica. E, apenas um, entre os respondentes teve acesso à disciplina por conta própria; e apenas um, de forma optativa, como veremos no *Gráfico 1*:

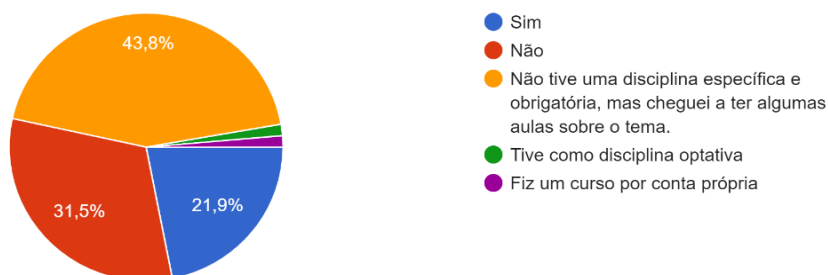
---

<sup>2</sup> Embora as respostas tenham sido de professores de outras etapas do ensino, temos como foco o Ensino Médio, tendo em vista preparar o aluno tanto para o mundo do trabalho quanto para dar prosseguimento no Ensino Superior.

### Gráfico 1 – Contato dos respondentes com à disciplina Oralidade na formação superior

Durante a sua formação no curso de Licenciatura, você teve acesso a disciplina(s) sobre Oralidade/ Ensino da Oralidade?

73 respostas



Considerando o histórico educacional do país, abordado no capítulo destinado aos documentos oficiais, existe na história da educação nacional, uma longa trajetória de desigualdade. Na tentativa de minimizar essa disparidade, foram realizadas diversas políticas públicas tendo em vista universalizar o ensino no país, tornando-o comum, como um direito de todo o cidadão. Considerando os dados do questionário virtual, percebemos o quanto ainda estamos distantes de alcançar as propostas estabelecida nos documentos oficiais que regem o ensino. É importante enfatizar que o ensino de língua portuguesa compreende o ensino também na modalidade oral, e, que, embora professores de língua materna afirmem ensinar oralidade nas aulas, esse ensino tem estado ausente da sala de aula. Um dos motivos é devido à formação docente que, em sua maioria, não oferta a disciplina oralidade, resultando não só no equívoco do que seja esse ensino, como reflete fazer docente.

O ensino superior precisa estar alinhado aos conteúdos de língua portuguesa, em especial, de oralidade, contribuindo, assim, para a formação do Ensino Básico. Além disso, não há motivos para não se incluir a disciplina Oralidade no currículo do curso de Letras, uma vez que há diretrizes que compreendem a oralidade e a escrita como eixos de ensino de língua portuguesa, essas modalidades operam no ensino de forma complementares, na materialização da comunicação humana, por meio dos gêneros discursivos. Diante disso, é incoerente a referida disciplina não fazer parte <sup>3</sup>da grade curricular da maioria das universidades do país. Posto isto, a falta de contato do professor com a disciplina Oralidade na graduação superior, resulta em uma não compreensão desse ensino. A situação se torna um tanto alarmante, quando nos deparamos com professores de diversos Estados que, embora, não tenham tido contato com a disciplina, afirmam ensinar a Oralidade em sala de aula.

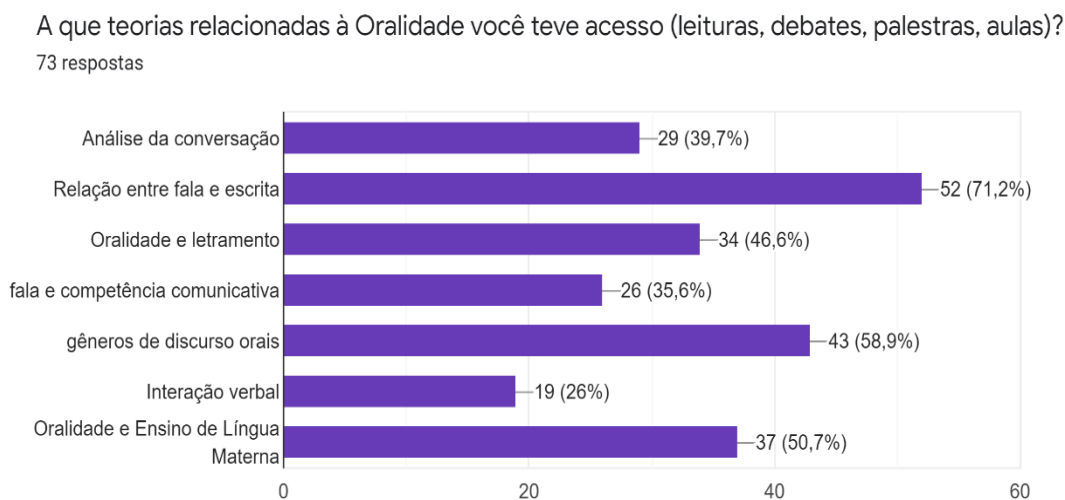
<sup>3</sup> Como não incluímos no questionário o ano em que esses professores se formaram, pode ser que algumas das universidades mencionadas tenham incluído à disciplina Oralidade no curso de Letras.

Daí a necessidade e a importância de se investir nesse ensino ainda na graduação, visto que a ausência da disciplina na formação não isenta os professores trabalharem com a modalidade oral, contudo, a concepção que se têm da disciplina implica no resultado do ensino.

Outro ponto importante a ser destacado, na análise, é o fato de a disciplina ser ofertada em um campus e em outro não. Conforme os resultados da análise, um dos respondentes formado na PUC de Santa Catarina teve contato com a disciplina Oralidade na graduação, enquanto os alunos de São Paulo e de Campinas, dessa mesma instituição, não tiveram acesso. Diante disso, é importante enfatizar que um país que se mostra a favor da educação, deve garantir que os estudantes do curso de Letras tenham os mesmos direitos. Além disso, esse ensino não pode, em hipótese alguma, ser privilégio de uma ou outra instituição, de um ou outro aluno. A qualidade do ensino também não pode ficar a cargo de um ou outro professor, pois isto provocaria um hiato ainda maior. Portanto, há de se considerar que os cursos de Letras no Brasil, precisam ser revistos, e suas disciplinas devem estar de acordo com as reais necessidades dos alunos do ensino Básico.

Ainda nessa etapa, voltada à formação docente, buscamos ter acesso às teorias presentes na formação desses professores respondentes, como aparece a seguir, no *Gráfico 2*:

**Gráfico 2** - Teorias de Oralidade o professor de língua portuguesa teve contato na formação superior



Como apresentado no gráfico acima, existe um percentual considerável da teoria ligada à fala e à escrita, compreendendo o total de 71,2%, às quais os professores respondentes tiveram contato; outra teoria que eles tiveram acesso é a teoria dos gêneros dos discursos, com um pouco mais de 58%. Essas teorias foram expostas em forma de palestras, leitura e debates, o que mostra o esforço dos professores de se manterem atualizados, ainda que por conta própria, como vimos na situação em que os respondentes tiveram acesso à disciplina Oralidade, um porque fez o curso por conta própria, e outro como optativa.



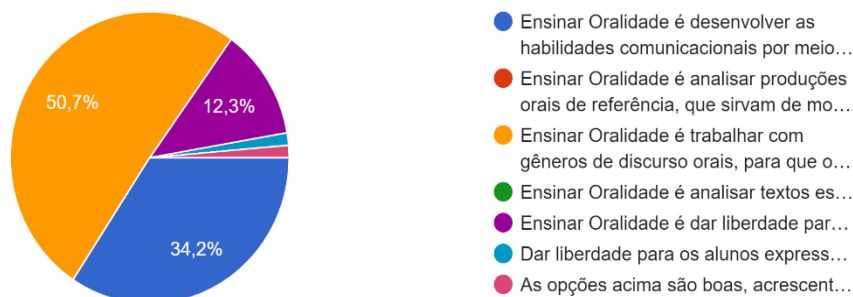
## 6.2 Concepção de ensino de oralidade às práticas em sala de aula

Nessa segunda etapa, iremos analisar qual concepção esses respondentes têm da Oralidade e qual a importância que dão ao ensino dessa modalidade. Como vimos no capítulo destinado aos gêneros orais, o modo como o professor concebe a linguagem é de suma importância, visto que suas concepções implicam na prática docente. De acordo com o gráfico apresentado, 50,7%, dos respondentes compreendem que o ensino da Oralidade até está relacionado ao trabalho com gêneros de discurso orais, conforme veremos abaixo no *Gráfico 3*:

**Gráfico 3** – A concepção que os professores de língua portuguesa têm do ensino da oralidade

Qual das alternativas abaixo melhor define o Ensino da Oralidade, em sua concepção?

73 respostas



Além desses, mais da metade dos respondentes demonstraram uma concepção destoante do que se espera para o ensino na modalidade oral. No gráfico, 34,2% dos professores de língua portuguesa responderam que “Ensinar Oralidade é dar liberdade para os alunos se expressarem oralmente em sala de aula com o repertório que eles trazem de casa”; outro professor propôs, de forma individual, o seguinte: “as opções acima são boas, porém, acrescentaria além da fala também a escuta, visto que é essencial saber ouvir”. As respostas nos levam a inferir que grande parte dos professores de fato não compreendem o que é o ensino de oralidade, uma vez que ensinar Oralidade não tem a ver com deixar os alunos falar, porque isso eles já fazem, antes mesmo de entrar na escola.

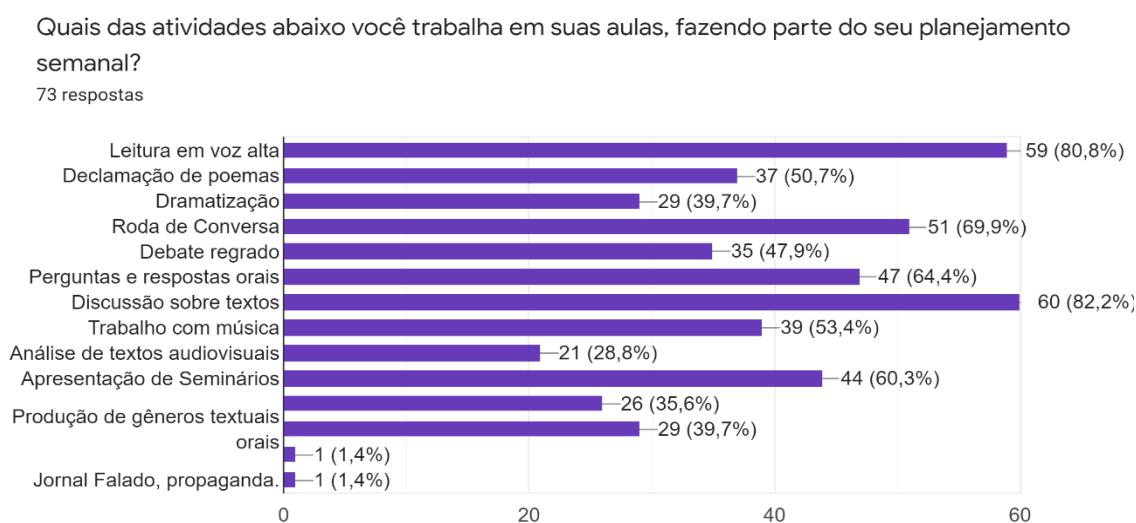
A segunda resposta, da mesma forma, demonstra a não compreensão desse ensino, visto que a modalidade oral não compreende só fala, como também a escuta. Infelizmente, a não compreensão não se limita apenas às respostas selecionadas, é possível perceber no gráfico que, para 49,3% dos respondentes, esse ensino não está claro. O que significa inserir a escuta? Será que no trabalho com a oralidade os alunos não ouvem? Que ensino de oralidade é esse que está sendo

ensinado em sala de aula? Diante do que foi exposto, pode-se até subentender que todos falam ao mesmo tempo, e não há espaço para reflexão nesse ensino.

Outro ponto importante a ser destacado é a questão da construção de linhas de planejamento didático no ensino de oralidade nas aulas de língua portuguesa. Na resposta anterior, a respeito da concepção que os professores têm a respeito do ensino da oralidade, a grande parte dos respondentes demonstraram conferir a esse ensino um lugar de importância, contudo, quando analisamos as respostas a respeito da aplicação desse ensino, percebemos um déficit no que diz respeito à proposta dessa atividade.

Ainda na segunda etapa, iremos analisar o planejamento do professor no ensino da Oralidade. Diante dos dados apresentados, a atividade mais trabalhada em sala de aula está relacionada à **discussão de textos**, com o total de 82,2%, seguida apenas da segunda de **leitura em voz alta**, fazendo parte do planejamento das atividades de 80,8% dos professores do Ensino Básico. Posto isto, precisamos nos perguntar qual é a finalidade de uma atividade voltada para leitura em voz alta, esse trabalho compreende o ensino da modalidade oral? E a discussão de texto? Qual é a sua utilidade fora de sala de aula? No capítulo destinado aos gêneros orais, foi apresentado o ensino da oralidade que tem como finalidade desenvolver as competências linguística-discursivas dos alunos a partir dos gêneros orais. Daí o porquê de muitos alunos se sentirem despreparados no que diz respeito a situações de exposição oral, visto que mesmo, quando parece haver uma compreensão do que seja esse ensino, apenas uma parcela mínima dos respondentes, de fato, inclui a modalidade oral no seu planejamento didático. De acordo com o resultado dos dados coletados no questionário, o **debate regrado** faz parte apenas do planejamento das atividades de apenas 47,9% respondentes, e a **produção de gêneros textuais orais** faz parte apenas do planejamento de ensino 39,7%, como aparece no *Gráfico 4*:

**Gráfico 4** – Atividades de ensino oral que fazem parte das ações didáticas em sala de aula



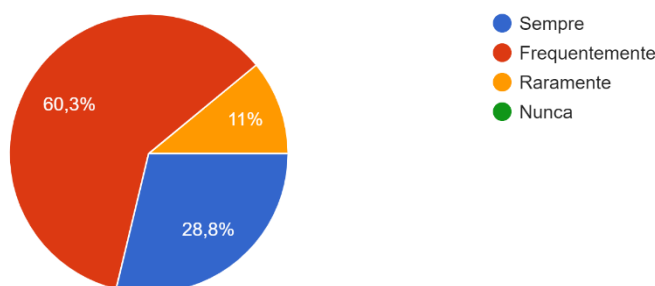
De acordo com o que foi abordado no capítulo destinado aos gêneros orais, não são todas as produções textuais relativas à fala, que podem ser compreendidas como gêneros orais. Diante disso, vemos que roda de conversa, perguntas e respostas orais, discussão de textos leitura em voz alta são atividades que fazem parte do planejamento de grande parte dos professores respondentes, que ao trabalharem tais atividades em sala de aula, acreditam estar ensinando a modalidade oral. Outro ponto importante, é o fato de o ensino de oralidade não poder ser pretexto para serem trabalhados outros eixos do ensino de língua portuguesa, sem que, de fato, haja nesse ensino espaço para o desenvolvimento das habilidades e competências linguístico-discursiva dos gêneros orais.

### 6.3 Frequência do trabalho com a modalidade oral nas aulas de língua portuguesa: o dizer dos professores respondentes sobre esse ensino

Nessa terceira etapa da nossa na análise, iremos observar a frequência que as atividades da modalidade oral são realizadas em sala de aula. Percebemos a partir do que foi exposto, que, embora, a grande parte ou a maioria dos respondentes não tiveram acesso à disciplina Oralidade, ela aparece no gráfico, como sendo trabalhada de forma frequente nas aulas de alguns professores língua portuguesa, em atividades realizadas de forma contínua, esses respondentes correspondem à um total de 60,3%, além desses, temos os que raramente trabalham com a modalidade oral, num percentual de 11%, e também os respondentes que afirmam trabalhar sempre, esses compreende à 28,8%. Diante disso, podemos inferir que os alunos tiveram um contato minimamente com a modalidade oral em sala de aula, como podemos observar no *Gráfico 5*:

**Gráfico 5** – Frequência que as atividades orais são trabalhadas em sala de aula

Você trabalha a modalidade oral com seus alunos?  
73 respostas



Ao final do questionário, pedimos aos professores que escrevessem um comentário sobre se era possível trabalhar com a modalidade oral em sala de aula. Grande parte dos respondentes disseram ser possível, com exceção de um professor que respondeu o seguinte: “*não é possível, pois o sistema*

*de avaliação formal desconsidera esse tipo de trabalho. Dessa forma, por mais que os documentos oficiais sugiram esse tipo de trabalho em sala de aula, como este não é alvo de avaliação dos instrumentos elaborados pelas próprias instâncias que produzem avaliações, o professor se sente coagido a desconsiderá-los”.*

Nessa direção é importante esclarecer que o ensino da oralidade, embora seja realizado em sala de aula, ele cumpre um objetivo muito além dela, e do sistema mecânico de “correção” tradicional. O ensino da oralidade tem como finalidade preparar o aluno para o exercício da cidadania dentro e fora do contexto escolar, no que se refere a situações de linguagem sociodiscursivas.

Outro respondente, afirmou o seguinte: *“É possível trabalhar com o ensino da oralidade, mas, infelizmente, a ênfase está na escrita”.*

Quando analisamos essa resposta, podemos inferir que esse professor considera o ensino da oralidade ligado ao oral “puro”, sem interferência da escrita, o que não é possível nesse universo de ensino. Pois, de acordo com que foi abordado no capítulo destinado aos gêneros orais e ao capítulo destinado à oralidade e à escrita, percebemos que, quando a oralidade passa a ser objeto de ensino e de aprendizagem, ela passa também a ter como referência a escrita, o que pode ser em maior ou menor grau, no sentido de ser mais ou menos espontânea. Posto isto, quando dizemos que o ensino da oralidade não pode conviver com a escrita, é porque não compreendemos como se dá esse ensino.

Ainda destacamos essa última resposta, em que o professor diz: *“É uma pena que só agora essa modalidade de texto esteja sendo trabalhada”.* Esse respondente, demonstrou compreender perfeitamente o ensino da modalidade oral e a urgência desse ensino em sala de aula.

Diante do que foi analisado, podemos perceber a necessidade de se investir no ensino, não só na Educação Básica, como também no Ensino Superior. Como vimos acima, o ensino não pode ficar limitado apenas a um grupo, visto que isso provocaria desigualdade no que diz respeito à educação. É importante ressaltar que o ensino superior, de acordo com os documentos oficiais, deve estar integrado aos interesses do Ensino Básico. Considerando isso, tanto o ingresso do indivíduo no mercado de trabalho, quanto no ensino superior exigem que ele tenha vivências em situações que lhe possibilitem ter maior desenvolvimento nesses espaços, principalmente, no que tange às ações de linguagem ligadas aos gêneros discursivos. Sabemos que os gêneros orais são fenômenos históricos vinculados à vida social, por isso, o seu ensino nunca foi tão necessário. Contudo, não nos cabe culpar o professor pela ausência desse ensino em sala de aula, visto que a grande maioria não teve acesso à disciplina Oralidade.

De acordo com o que foi apresentado no quadro acima, nem todas as universidades ofertam essa disciplina Oralidade, como o faz a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Apesar de o curso de Letras ser recente, comparado às outras instituições, à UNIRIO demonstra grande preocupação com a preparação dos futuros docentes de língua portuguesa no que diz respeito ao

ensino na modalidade oral. Entretanto, como mencionamos acima, o ensino não pode ser privilégio de alguns, nem a aprendizagem do aluno pode ficar a cargo do “achismo” do professor acerca desse ensino. Diante disso, apontamos para a necessidade de uma revisão na grade curricular dos cursos de Letras das demais instituições, que invistam nessa disciplina tanto para o crescimento do professor quanto para uma melhor qualidade de ensino.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, percebemos que o ensino da oralidade pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia de um indivíduo nas mais diversas situações de linguagem. Nessa direção, buscamos refletir no nosso estudo como a modalidade oral vem sendo trabalhada no espaço escolar. Para compreender como ocorre esse ensino-aprendizagem nas aulas de língua materna, tomamos como referência o contato do professor de língua portuguesa com a disciplina Oralidade ainda na formação superior.

O resultado que tivemos, a partir do questionário virtual, mostra o quanto o ensino da oralidade se encontra ausente na formação dos professores, e como também, conseqüentemente, do Ensino Básico. E é exatamente essa ausência que orientou o nosso olhar, nos levando a investigar “que oralidade é essa que está sendo ensinada em sala de aula”. Como descrito na análise, percebemos que grande parte dos professores respondentes não demonstra ter clareza em relação aos gêneros orais, o que prejudica o ensino e a aprendizagem da oralidade dentro e fora da sala de aula. É importante esclarecer que, quando falamos de ensinar as práticas orais, isso tem a ver com possibilitar ao aluno desenvolver suas habilidades linguísticas nas mais diferentes situações, o que não deixa de ser um trabalho ideológico. Uma vez que esse trabalho tem como objetivo reparar o ensino da oralidade que, por muito tempo, tem estado distante da sala de aula.

Nesse sentido, podemos perceber também que há uma falta de interesse sistêmica no trabalho com o eixo oralidade, pois, embora não seja esse o foco da nossa pesquisa, sabemos que o silenciamento das culturas orais é muito anterior à formação da escola, enquanto instituição de ensino básico. De fato, a nossa intenção inicial não era abordar a respeito dos grupos marginalizados, minimizados, de cultura oral, contudo, não podemos negar a existência desses fatores. Além disso, reconhecemos que a ausência da oralidade em sala de aula pode ser vista um tanto quanto intencional, uma vez que a discussão da curricularização que vemos hoje também é antiga. Posto isso, o nosso trabalho tem como foco o ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, que leva ao aluno o desenvolvimento das suas competências linguísticas, a fim de formar indivíduos conscientes, capazes de agir com criticidade na sociedade em que vivem. Nisso, fica claro que a ênfase que damos ao ensino dos gêneros orais está relacionada ao preparo do aluno para o exercício de sua cidadania.

Sendo assim, a nossa proposta é para que haja, no nosso país, uma formação de professores de língua portuguesa que, de fato, supra às demandas do ensino de língua materna na Educação Básica em todos os eixos, sobretudo, o da modalidade oral da língua. Contudo, para que isso aconteça, sabemos que é preciso que o ensino da Oralidade seja disponibilizado nas instituições de ensino, começando pelas superiores sejam elas públicas ou privadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. **Gramática contextualizada**: limpando ‘o pó das ideias simples’. – 1ª.Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal / Mikhail Mikhailovich Bakhtin, prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª. Ed. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.

BENTES, A.C. Oralidade, política e direitos humanos. ELIAS, V. M. (org.). In: Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura . 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

BRASIL, Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.  
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>.

BRASIL, Secretaria de Educação. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2006.  
Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf).

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf)

DERRIDA, J. A Farmácia de Platão. Tradução Rogério da Costa. – São Paulo: Iluminuras, 2005.

GILVAN, M. C. **Ensino médio no Brasil**: desafios à matrícula e ao trabalho docente.. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. – v. 94. N. 236. Brasília. p. 185 – 210, jan./abr. 2013. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812013000100010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812013000100010&script=sci_abstract&tlng=pt)

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. – São Paulo: Contexto, 2009.

LEAL, T. F; GOIS, S. (org.). **A oralidade na escola**: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. (Coleção Língua Portuguesa na escola 3). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MARCUSCHI, L, A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, M.<sup>a</sup> Auxiliadora (Org.). In: Gêneros textuais & ensino. Ed. 2ª. RJ: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, L, A. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. 10 Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

ONG, W.J. **Oralidade e cultura escrita**: A Tecnologização da palavra; tradução Enid Abreu Dobránszky. - Campinas, SP: Papirus, 1998.

SALDANHA, L. C. D. Fala, oralidade e práticas sociais. Curitiba: Intersaberes, 2016.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos**: Estudo e ensino. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. – Campinas SP: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, M. Que Professor de Português Queremos Formar? (org.). In: ABRALIN: Boletim da Associação brasileira de linguística/Associação brasileira de linguística. – v. 1 (1979). – Fortaleza: Imprensa Universitária/ UFC, 2001. p 211-217.

Travaglia, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática/Luiz Carlos Travaglia. – 11 ed. – São Paulo: Cortez. 2006.

TRAVAGLIA, L. C. **Gêneros orais** – Conceituação e caracterização. (Org.). Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.



## APÊNDICE A – Trabalho de Conclusão de Curso

# TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: ENSINO-APRENDIZAGEM DA ORALIDADE



Este formulário tem como objetivo coletar informações sobre a formação de professores de Língua Portuguesa e sobre a sua prática pedagógica em sala de aula, no que se refere ao ensino-aprendizagem de práticas orais.

As respostas comporão, sem identificação dos respondentes, minha pesquisa para o trabalho de conclusão de curso.

Desde já agradeço a sua colaboração!

Viviane Martins - licencianda em Letras pela Unirio.

Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE B – Faculdade que se graduou

Em que Faculdade/ Universidade você se graduou? \*

Texto de resposta curta

Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE C – Disciplina oralidade na formação docente

Durante a sua formação no curso de Licenciatura, você teve acesso a disciplina(s) sobre Oralidade/ Ensino da Oralidade? \*

- Sim
- Não
- Não tive uma disciplina específica e obrigatóri...
- Tive como disciplina optativa
- Fiz um curso por conta própria

Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE D – Teorias relacionada à oralidade que o professor teve acesso

A que teorias relacionadas à Oralidade você teve acesso (leituras, debates, palestras, aulas)? \*

- Análise da conversação
- Relação entre fala e escrita
- Oralidade e letramento
- fala e competência comunicativa
- gêneros de discurso orais
- Interação verbal
- Oralidade e Ensino de Língua Materna

Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE E – A frequência que a modalidade oral é trabalhada em sala de aula

Quais das atividades abaixo você trabalha em suas aulas, fazendo parte do seu planejamento semanal? \*

- Leitura em voz alta
- Declamação de poemas
- Dramatização
- Roda de Conversa
- Debate regrado
- Perguntas e respostas orais
- Discussão sobre textos
- Trabalho com música
- Análise de textos audiovisuais
- Apresentação de Seminários

Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE F – Atividades trabalhadas em sala de aula

⋮

Quais das atividades abaixo você trabalha em suas aulas, fazendo parte do seu planejamento semanal? \*

- Leitura em voz alta
- Declamação de poemas
- Dramatização
- Roda de Conversa
- Debate regrado
- Perguntas e respostas orais
- Discussão sobre textos
- Trabalho com música
- Análise de textos audiovisuais
- Apresentação de Seminários
- Análise de gêneros textuais orais
- Produção de gêneros textuais orais

Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE G – O que define o ensino da Oralidade

⋮

Qual das alternativas abaixo melhor define o Ensino da Oralidade, em sua concepção? \*

- Ensinar Oralidade é desenvolver as habilidade...
- Ensinar Oralidade é analisar produções orais ...
- Ensinar Oralidade é trabalhar com gêneros de...
- Ensinar Oralidade é analisar textos escritos d...
- Ensinar Oralidade é dar liberdade para os alun...
- Outros...

Fonte: Auntonia própria

## APÊNDICE H – É possível trabalhar a modalidade oral em sala?

Na sua opinião, é possível trabalhar a modalidade oral da língua em sala de aula, bem como as suas variedades? Comente um pouco sobre isso. \*

Fonte: Auntonia própria